

ANO 1º. — O JORNAL DE SANTA MARIA PARA TODO O BRASIL — Nº. 3

Jornal Técnico de Apicultura, Agricultura.
"Cultura e História"
Edição Mensal
Térmo de depósito do registro Nº. 1078
Assinatura anual: Cr. 10,00

Proprietário: Diretor e Editor:
Bruno Schirmer
97.100 Santa Maria — 1.º de outubro de 1971
Rua Duque de Caxias 1295
Rio Grande do Sul, Brasil

Enderêço telegráfico e fonográfico «A COLMÉIA»

EDITORIAL

Pontualmente, no dia 1º de setembro estava circulando o 2º número de «A Colméia», assim como circulará todos os meses no 1º dia.

Estou sozinho para todo o serviço, no 2º número já aprendi mais, já recebi oferta de colaboradores. Enquanto espero, transcrevo os dois artigos extraídos do Jornal «As Abelhas», de Portugal, que também no Brasil deve-se dar a maior publicidade destes dois formidáveis trabalhos, sinceros e verídicos (Se não fosse assim, não os trancreveria).

Uma coisa é certa, o jornal «A Colméia» não escreverá mentiras.

O Diretor é realmente estudioso e profundo conhecedor dos problemas atuais da apicultura «destruída impunemente» pela introdução de uma abelha bastarda da África, composta de quatro raças, cujo cruzamento é impróprio, como o leitor poderá ver na carta da África, nas páginas deste número.

Mais uma vez repito aqui, que nosso povo precisa saber a verdade, não pode permanecer oculto um hediondo crime contra a economia popular. Só eu, tenho um prejuízo de Cr\$ 60.000,00.

Tenho sabido que um apicultor tem um galpão de 20m de comprimento cheio de colméias vazias. Pessoalmente, vi na Casa do Mel, em Porto Alegre, uma casa com 4 peças repleta de colméias vazias.

Eu, que colhi 3 mil quilos de mel por ano, colhi em 1971, apenas 18 quilos.

A cera que se derreteu das abelhas africanizadas mortas, neste

inverno aqui no sul, ; um terço de sujeira. Tenho uma análise que posso mostrar, tenho laminação de cera alveolada, onde constato a inferior qualidade.

Onde estão nosas abelhas? Onde está nosso mel? Rempondam-me!

O jornalzinho «A Colméia», pela sua apresentação discreta, sua ética, sua energia, defenderá o que nos perencia há séculos, quando cada colono, cada fazendeiro e os caipiras do mato, cada um tinha seu mel legítimo.

Hoje, quando me pedem, por remédio, eu não tenho. Toda esta fava, um pouquinho de mel para verdade revolta qualquer um.

Já gastei da minha economia, nada menos do que Cr\$ 60.000,00, agora ainda posso gastar mais umas toneladas de papel e uns anos de serviço. Nasci pobre, trabalhei a vida toda, economizei sempre, não preciso deixar herança para meus 8 filhos e 20 netos.

Continuo tentando salvar a apicultura, com saudades da nossa rica abelha Cárnica Brasileira, que pertence à história do passado, como a melhor abelha do mundo. Somente lamento que é preciso encher o precioso espaço com esclarecimentos dos erros ou crimes, em vez de trazer preciosos ensinamentos, que fazem falta.

Este número de «A Colméia» circulará em número maior que os dois outros, que foram de 6.000 exemplares.

Mandarei um conjunto para cada Deputado de todas as Assembleias Legislativas do Brasil, a começar em Porto Alegre. Mandarei

para o Exmo. Sr. Presidente da República, para todos Ministros, para os Deputados da Câmara Federal, para os Senadores, inclusive aos Presidentes de todas as Câmaras de Vereadores do Brasil, onde posso conseguir seus endereços.

Mandarei para as Secretarias de Agricultura e muito mais, à pessoas dignas de receber «A Colméia».

São sete pessoas, indignas que estão movendo uma campanha difamatória contra minha pessoa, porém, suas mentiras se esfacelaram como a onda do mar, que se choca numa rocha e vira, simplesmente água.

É preciso que enossos distintos governantes saibam a verdade, que país nenhum pode viver sem apicultura, porque a apicultura contribui com 60% de alimentação da humanidade. Todas as melipósas, trigonas, vespas e abelhas solitárias contribuem com a sua parte.

Viajei à Europa, Estados Unidos e Canadá, para conhecer a mais adiantada apicultura do mundo. Falei, no Congresso de Maryland, com todos os representantes do mundo apícola e quanto mais evoluído o país, mais os respectivos governos ajudavam a evolução da apicultura.

Prestei muita atenção, com alegria e também com tristeza.

Se já gastei uma fortuna na apicultura, sem reclamar, sem lamentar, agora ainda posso gastar algumas toneladas de papel pela

CONTINUA NA PÁGINA 3

Quem é brasileiro siga-me "salvaremos a apicultura." A COLMÉIA

(continuação do nº anterior)

EXCURSAO A EUROPA

gui um quarto e cama igual ao de Frankfurt, por 16 marcos, sempre sem refeição, com café da manhã.

Do hotel telefonei ao Prof. Dr. Richard Kuhn (Prêmio Nobel de 1923), perguntei se eu, Bruno Schirmer, de Santa Maria, podia fazer-lhe uma visita. Marcamos hora, fui lá, tomei um táxi até a rua marcada, depois fui a pé, até chegar no número dado.

O Prof. Dr. Kuhn tinha estado doente, sua esposa convidou-me para passear de carro, me mostrando a cidade velha e o castelo. A Sra. Kuhn e eu fomos rio Nekar acima, pela margem direita, atravessamos a ponte velha de arcos de pedras, secular, ela sempre me explicando o histórico da cidade.

Fomos ao castelo, onde existe o célebre e gigantesco barril de vilho de carvalho, com capacidade de 221.726 litros, tendo na frente um barril de 1.000 litros, ao lado uma estátua do anão (o palhaço beberão da corte).

Naquele dia, havia no castelo uma exposição de flores e árvores em potes, onde vi laranja e limão siciliano, anão, com frutas, naturalmente cultivados em estufas, das flores e outros deixo de mencionar.

Dentro deste castelo, construído no século XIII, dos tempos das guerras de sítio, tem um poço para abastecimento de água, com uma profundidade até o leito do rio Nekar, que são, conforme me disseram, mais de 200 metros. Paga-se para olhar dentro.

Dia 31/7/66 — As 6 horas tomei o trem para Stuttgart. Em 3 horas de viagem, estava na estação central desta importante cidade onde nós tínhamos nos comunicado através da Associação Santamariense de Apicultura, com a Federação das Associações de Apicultura de Württemberg.

Tomei um táxi e fui ao hotel em Rosengärtchen, no Boxer.

Após tomar o quarto, fui logo procurar a escola de apicultura da Federação, que fica num môro, perto do hotel, que por esta razão eu já procurei este.

Eu estava na Rua Reichelberg, era domingo e encontrava-se tudo fechado. Vi o apiário, não vi nenhuma pessoa, rodeei a casa, que era em ladeira, com porão habitável.

Aproximei-me muito perto das abelhas, bastarda com carnica, não gostaram de mim. Tomei duas ferroadas imediatamente no rosto, tratei de retirar-me rápida-

mente.

Vi uma môça ocupada com as lides da casa. Bati palmas e ela atendeu. Apresentei-me, dizendo que estava anunciado, que tinha chegado há menos de meia hora e queria saber se domingo tinha alguém da Federação, para conversar ela me disse que só no outro dia, às 9 horas chegaria a secretária.

Voltei ao hotel e perguntei ao hoteleiro onde eu deveria passar o domingo, ele me disse que devia ver a torre de Stuttgart (Fernsehturm) e que de tarde fosse ao castelo de Solidü.

Tomei o bonde em frente-lateral do hotel e fui a Hohenhein ver a torre, com 221m de altura. Paguei um marco e entrei na fila. Neste domingo tinha centenas de turistas americanos e outros. Há 2 elevadores rápidos, um sobe e o outro desce, isto o dia inteiro, não demorou eu estava na plataforma superior da torre.

A torre está situada no alto do môro, a vista descortina toda circunferência até a Floresta Negra, por um lado além da cidade de Stuttgart; do outro lado, além do rio Nekar, até o Odenwald, é um espetáculo inesquecível.

A tarde tomei o bonde e fui, conforme me foi indicado, até o ponto de estacionamento dos ônibus, além da ponte do rio Nekar. Lá esperei um pouco, embarquei em um ônibus e em meia hora estávamos no castelo de Solidü, construído no século XVI, residência de verão e pôsto de caça do rei, que era ligado antigamente por estrada reta, diretamente ao palácio real. Deve distar uns 20 Km da cidade.

O palácio tem largas escadarias externas, de dois lados, as salas, mobílias, estão muito bem conservadas. De um lado do castelo tinha as cocheiras em semicírculos, logo além, uma grande caixa d'água enterrada.

Subi a torre do castelo, uma vista bonita. A parte baixa do castelo é calçada com pedras irregulares; o fôrro e as paredes, tudo de pedra, estão pretos da fumaça dos «piwaks da soldadesca».

Este foi meu segundo dia na Alemanha. Voltei sem transtôrno ao meu hotel, fui jantar e voltei para dormir.

Dia 1º-8-66 — Esperei as 9 horas e fui à Federação, a secretária me recebeu dizendo: «nós já estávamos lhe esperando». Após trocar poucas palavras, ela discou o telefone e depois me alcançou e disse:

«Apresente-se». (Eu não sabia para quem). Tomei o fone e disse: «Cheguei ontem, estou na Federação». Do outro lado alguém me disse: «Venha ao Ministério da Agricultura, Marienstrasse, 41, tome o bonde no Boxer». (era em frente ao meu hotel).

Não demorou muito eu estava entrando no portal do Ministério e alcancei meu cartão ao porteiro, que disse-me que já estavam à minha espera. O Sr. Oberamtsrat Andris me esperava no 1º andar, sala 2.

Subi pelo elevador contínuo, bati a porta, ouvi uma voz dizer: «herein». Entrei, cumprimentei o Sr. Andris, que puxou uma cadeira e disse: «Sente-se». Eu não sentei e disse: «Vim de um lugar chamado Bugre, onde nasci, e quando os bugres vão visitar uma tribo amiga, primeiro apresentam seus presentes aos anfitriões. Vim de avião, não pude trazer o que queria, mas melhor é pouco do que nada».

Em uma pasta eu trazia uma cachopa de bananas amadurecidas na viagem, um vidro de mel de laranjeiras, meia dúzia de limão da minha horta, um abacate já maduro, um pedaço de cipó cruz e meia dúzia de laranjas-lima.

Puz estas coisas na sua escrivaninha e disse ainda de pé: «Vim do Brasil por minha conta e risco, para ver de perto o desenvolvimento da apicultura, a abelha Negra e a Heidebiene somente. Não estou autorizado por parte do governo Brasileiro de nada, nenhum negócio do Brasil eu represento aqui, a não ser o associativismo apícola gaúcho. Nada trouxe para vender, quem quizer comprar alguma coisa do Brasil, dirija-se à Representação Comercial Brasileira, em Bonn».

Para meu uso pessoal, desejei comprar um laminador de cera, algumas prensas de cera, uma máquina de escrever, uma máquina fotográfica, um projetor simples e uns pequenos presentes, para meus dezoito netos».

Após este comprido discurso de chegada, meu anfitrião convidou-me a sentar. Sentei-me e continuei: «Experimente já uma banana e uma laranja. A sua secretária estava presente e também tinha recebido alguns presentes».

Os mesmos simultaneamente descascaram, cada um uma banana e disseram: «que bananas pequenas, que casca fina, mas são gostosas». Após descascarem uma laranja e também exclamaram que

(Continua no próximo número)

EXMO. SR. MINISTRO DA AGRICULTURA

A minha oferta de 9 de outubro de 1969, ainda está em pé.

Tenho de acrescentar o que tinha ocultado na carta. Para salvar a apicultura do Brasil, é preciso perfeito conhecimento de tudo o que diz respeito à apicultura.

SUGESTÕES

1º — Criar com urgência o Conselho Nacional de Apicultura;

2º — Nomear um chefe que conhece a apicultura e tem «mão de ferro», exclusivamente subordinado ao Ministério da Agricultura;

3º — Que este chefe escolha de 12 a 24 jovens agrônomos formados, voluntários ou escolhidos pessoalmente pelo chefe. Distribuí-los com bolsas de pós-graduação nos Institutos de pesquisas científicas, principalmente na Alemanha. Seriam assim divididos:

2 na França, em Bures sur Yvette;

2 na Itália, em Bologna;

3 ou 4 nos Estados Unidos;

1 no Canadá, Guelph, Ontário;

2 ou 3 na Rússia e

8 a 12 na Alemanha, distribuídos nos diversos Institutos.

4º — Como ninguém, o signatário conhece os institutos da Alemanha, onde e em que especialidades estes jovens agrônomos podem ser preparados durante dois anos;

5º — O próprio signatário se oferece para acompanhar os agrônomos e os apresentará, com a necessária recomendação aos respectivos Institutos e o mesmo fiscalizará uma vez por ano o aproveitamento e o comportamento, em sigilo;

6º — No fim dos dois anos, o signatário dará um curso de duas semanas em um Instituto (que já deve estar esperando equipado), de criação de uma raça única «pedigree» e mostrará os rps e os contras das hibridações no curso final;

7º — Em 5 anos teremos um pessoal competente para dirigir uma apicultura na altura desejada;

8º — Em 5 anos o signatário poderá indicar seu sucessor, nada mais influenciando daí por diante.

Sómente assim o Brasil poderá ter uma apicultura na altura. Para todo este trabalho o signatário solicita Cr\$ 1,00 (um cruzeiro) mensal, conforme a Lei, que mensalmente dará o devio recibo de quitação.

BRUNO SCHIRMER

O MEL E A CÊRA

O mel contém um ácido que oxida o ferro. Uma lata aberta com mel, cria na beira da lata uma côr preta, é o ferro oxidado, que chega, às vezes, ao ponto de furar a lata.

Evita-se este inconveniente, derretendo-se um pedaço de cêra dentro da lata, de modo que cubra tôda superfície do vasilhame com uma fina camada de cêra bem quente.

Dentro desta camada de cêra, o mel fica protegido indefinitivamente; se tiver partes na lata sem proteção, estas serão atacadas pelo ácido.

Encontramos no comércio vasilhame para mel, que são latas preparadas com uma fina camada de isolante; nas exportações de mel, usa-se tonéis previamente isolados, para que o mel não toque diretamente no ferro.

Nunca ponha mel em lata, sem que seja previamente isolada com cêra ou parafina.

A CÊRA

Tenho um livro intitulado O Livro da Cêra.

Cêra de abelhas é uma secreção cerígena das abelhas, cuja côr é clara, quase totalmente transparente, parecida com parafina.

Após segregar escamas, as abelhas mastigam com as mandíbulas, estas pequenas escamas de cêra, adicionando balsamo de pólen, para maior resistência, daí vem as diferentes côres nas diferentes safras de cêra.

A côr do pólen que dá a coloração à cêra.

Este livro de cêra ensina como produzir cêra virgem (veja no nº 1 de «A Colméia», no artigo Troca de Raças, página central).

No caso da não troca de raça de abelhas, pode-se usar este método para a produção de cêra virgem. A cêra virgem provém dos favos, que ainda não eclodiram, ou nasceram abelhas.

Tôda cêra contém balsamo de pólen.

Para «apurar» a cêra, não pode ser utilizado painelão de ferro, porque o ferro, por mais limpo que seja dá a cêra uma côr inconveniente, principalmente escura. Deve ser usado, de preferência tachos esmaltados de cobre, de alumínio ou panela estanhada.

Por esta inadvertência, a cêra brasileira tem menor cotação no mercado.

Na Etiópia, usa-se tachos de cobre para a apuração da cêra.

A produção e qualidade da cêra pode ser melhorada, guiando-se pela descrição presente no 1º número de «A Colméia».

Nunca se apura cêra sem adicionar bastante água, nem se ferve cêra pura em fogo direto. Quando mal derretida, deve ser manipulada em banho-maria, principalmente quando se faz lâminas alveoladas com a prensa manual.

Com calor em excesso, a cêra fica escura, queimada.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

EDITORIAL

Muitos apicultores receberam o 1º número, receberão algum número intercalado. Os apicultores que pagarem suas assinaturas de Cr\$ 10,00 por ano receberão pontualmente todo 1º dia de cada mês, suas assinaturas pelo correio.

Conhecimento, administração e honradez não me faltam; preferência não tenho. «eu quero ajudar», seja quem for o chefe honrado, apoiarei tôda boa iniciativa, dentro do espírito de compreensão e colaboração.

Já mandei este jornal para Moçambique, Angola, Portugal, Espanha, França, Itália, Romênia, Alemanha, Argentina e Iran. Ainda falta mandar a todos os países sul-americanos.

Só posso afirmar que os assinantes que pagarem a assinatura por um ano, receberão os 12 números e mais um que será o nº 13.

No nº 12 repetirei o recibo como no nº 2. Quem gostar do que aprendeu, poderá renovar sua assinatura.

Não mande dinheiro sem que o recebido esteja numa folha deste jornal.

Recorte as três vias leve ao Banco citado, pague os Cr\$ 10,00 no Brasil e América do 1º grupo postal. 2,50 U.S. Dollar nos outros grupos da tarifa postal internacional, pelo Forts National City Bank, onde não há agência do Banco do Brasil.

Calúnias, mentiras, inveja e falta de assinantes, não me farão recuar. Sou brasileiro antes de tudo, uma oferta de emprego, feita pelo Ministério da Agricultura da Alemanha não me atraiu, não tinha cumprido minha missão aqui. Um filósofo não vale na sua terra, é coisa velha, o homem de capacidade e modesto sempre foi rejeitado.

Não é nada, que isto continua a acontecer, eu já fiz o que pude, CONTINUA NA PÁGINA 12

Exmo. Sr. Ministro da Agricultura.

Compreendo o esforço que o Ministério da Agricultura desenvolve dentro do programa Estratégico de desenvolvimento, elaborado pelo atual Governo.

Para contribuir com o nosso quinhão neste desenvolvimento nacional, resolvi apresentar ao Sr. Ministro uma «grande sugestão», referente à apicultura.

É sabido que em pesquisas feitas nos diversos países desenvolvidos, as autoridades em assuntos apícolas afirmam categoricamente, que a apicultura organizada contribui direta e indiretamente com 60% da alimentação da humanidade.

Penso serem muito expressivas as palavras do Sr. Ministro da Agricultura de Baden-Württemberg, assistidas por este signatário, em 1966, ao referir-se que somente nestes dois estados federados da Alemanha, em 1965, segundo estatística feita, colheram 20 milhões de marcos de mel e cera, lucro direto dos apicultores.

Pela polinização cruzada das abelhas na agricultura, colheram além do habitual, 200 milhões de marcos a mais, de frutas, e leguminosas, lucro indireto pela apicultura organizada.

Para que objetivos idênticos sejam atingidos, apresento as seguintes sugestões:

1º — Criar com urgência o Conselho Nacional de Apicultura, que terá por finalidade organizar a apicultura nacional, nos moldes mais modernos e científicos, com um mínimo de verba federal;

2º — Precisamos de uma revolução na apicultura, valorizando nossos reais valores;

3º — Solicitar à todas as Universidades do Brasil, à exemplo da Universidade Federal de Santa Maria, que instalem em seus laboratórios uma seção de pesquisas apícolas, sem aumentar o quadro de funcionários;

4º — Contratar, se fôr preciso, temporariamente os serviços de alguns técnicos estrangeiros;

5º — Para reorganizar a apicultura nacional, precisam ser reformuladas as atuais bases de nossa apicultura, para o que apresento estas sugestões, fruto de uma longa experiência neste campo;

6º — Adoção de uma raça única de abelhas, a denominada Cárnica Brasileira, que é uma a-

belha cinzenta, com anéis claros no abdômen, da raça da Apis Mellifica Cárnica;

7º — Criar, valorizar e selecionar nossa abelha Cárnica Brasileira no sistema de linhagem, selecionada para formar matrizes Pedigree;

8º — Instalar postos de seleções e criações de rainhas Pedigree, tendo como ponto de partida a Cárnica;

9º — Fundar e instalar o quanto antes, diversos Institutos de Pesquisas apícolas em zonas previamente escolhidas;

10º — Aproveitar os estabelecimentos apícolas já existentes no país, empregando todos os funcionários nesta nova ordem;

11º — Conferir ao Presidente do Conselho Nacional de Apicultura as prerrogativas para:

a) Determinar a criação e venda de rainhas de abelhas, no território nacional;

b) Determinar a importação de rainhas Cárnicas, se fôr preciso, para formar a mais alta linhagem de Pedigree, livre da eventual bastardia agressiva;

c) Determinar no território nacional a instalação de Institutos de Pesquisas e de postos de fecundação natural (a inseminação artificial está dentro do programa de seleção);

d) Supervisionar toda apicultura no território nacional, determinando todos os assuntos para o perfeito funcionamento do programa.

COMENTARIO:

Os cientistas europeus já se deram conta do valor de uma raça única de abelhas (como o Brasil tinha antes da italianização e posterior africanização inconsciente da apicultura).

Atualmente, estamos na fase mais difícil para a sobrevivência da nossa apicultura, porém com um esforço dirigido, mais árduo, poderemos reorganizar sobre os escombros, **uma nova ordem**, uma nova apicultura, capaz de competir com a mais desenvolvida apicultura do mundo.

A introdução indiscriminada de raças de abelhas no Brasil, tem trazido consequências funestas à nossa apicultura, comb sejam as doenças nos apiários e a conhecida agressividade das abelhas africanas.

É uma das fases mais duras da minha vida de idealista, assistir a tudo isto de braços cruzados.

Repito que precisamos organizar uma revolução na apicultura.

Para isso, faço a seguinte proposição:

O signatário deste aceita a Presidencia do Conselho Nacional de Apicultura e promete, que em cinco anos, entregará uma apicultura racional organizada, dentro de um padrão que pode competir com a mais desenvolvida do mundo, com um mínimo de verba federal.

O mesmo não está procurando emprego, tem 64 anos de idade e considera-se realizado pelo próprio esforço, aceita a incumbência, mesmo sem remuneração (fora de viagens de serviço).

Para isso, apresenta as seguintes credenciais:

— É autor de um projeto de ensino obrigatório da apicultura para as escolas primárias, já escreveu o livro «Apicultura para Escolas Primárias», que está em revisão.

— Fundou Associações Municipais de Apicultura, fundou a Federação das Associações de Apicultura do Rio Grande do Sul e financiou-a durante dois anos, quando exercia sua presidência.

— Dirigiu e financiou a fundação da Confederação Brasileira de Apicultura, inclusive a inscrição na Apimondia, registou um jornal técnico de apicultura, chamado «A Colméia», que circulará brevemente.

— Descobriu a abelha Cárnica Brasileira e fez os primeiros testes com esta abelha, versus a abelha italo-americana em 1940 (a Cárnica venceu com vantagem).

— Viajou duas vezes ao exterior por conta própria, em viagens de estudo de apicultura, onde teve estreitos contatos com as maiores sumidades mundiais de apicultura, onde pôde aprender mais para ampliar seus conhecimentos.

— Representou o Associativismo Apícola Brasileiro, no Encontro Alemão de Apicultores, em Freiburg i. Br. em agosto de 1966.

— Representou e inscreveu o Associativismo Apícola Brasileiro na Apimondia, no Congresso Internacional de Maryland, nos EE. UU., em agosto de 1967 (como o único brasileiro participante do Congresso, que viajou por conta própria).

É ainda autor de:

— Uma colméia harmônica, muito difundida no Rio Grande do Sul.

— Duas modernas colméias que satisfazem a mais aperfeiçoada tecnologia aplicada em apicultura; a primeira chama-se Colméia na página 11

ABELHAS AFRICANAS

Por Armênio Alvim Barroso (Trabalho publicado pelo jornal «AS ABELHAS» de Leça do Balio, Portugal).

Obs.: Um artigo de tão grande importância, que vem numa hora oportuna, precisamos dar o maior destaque e divulgação para este excelente trabalho.

Bruno Schirmer

Abelhas Africanas, breve histórico de sua introdução no Brasil, e uma análise do NEFASTO CRIME cometido contra a apicultura brasileira de que o Ministério da Agricultura não toma conhecimento!

Conta Kerr, o pai da abelha africana, tê-la trazido para o Brasil, pelos motivos seguintes: «porque, a falta de produtividade da abelha preta, nas condições brasileiras, era fato conhecido há mais de quarenta e cinco anos»; pela «dificuldade de italianização dos apiários brasileiro, patrimônio cultural de uns poucos apicultores»; «pela tendência da abelha europeia, de diminuir, no Inverno, a produção de cria»; estimulado pelas publicações de Virgílio de Portugal Araújo, técnico apicultor do governo português; pelos rendimentos unitários nos apiários Schnetler, da África do Sul; pelos testes comparativos de produção, na África, entre italianas e africanas, em que estas sobrelevavam as italianas, entre quarenta a setenta por cento; pela notícia de um apicultor africano que conseguiu, com esta (?) abelha, média de setenta quilos de mel por ano, e de haver o mesmo apicultor batido o record mundial de produção, com uma colméia de múltiplas rainhas; porque, «entre 1945 e 1954, cresceu, entre os apicultores brasileiros, a crença de que se devia importar uma abelha que não tivesse, como as europeias, a tendência de diminuir, no inverno, a produção de cria»; porque, «os principais livros da especialidade, elogiavam as abelhas do Sahará, como sendo as mais produtivas do mundo, e, tais abelhas, nada mais eram do que enxames de *adansoni* (africanas) que chegaram até algum oásis do Grande Deserto».

Conta que, por tudo isto, partiu em 1956, para a África do Sul, parando em Moçambique, Tângânica e Angóla; onde coletou para mais de cento e cinquenta rainhas, a maioria das quais viria depois a morrer da viagem, salvando-se

quarenta e oito, destas, umas eliminadas por sua baixa produtividade,* outras, por serem excessivamente agressivas, apurando-se, ao final, o saldo de umas três ou quatro dezenas de rainhas que, segundo Kerr, formaram famílias das «mais produtivas e trabalhadeiras das abelhas que até hoje vimos».

* Kerr confessa baixa produtividade, o que é que ele solucionou na África?

Tais motivos, vêm publicados n'O ESTADO DE SÃO PAULO, de setembro de 1965, onde Kerr, alvo de ataques e pragas que lhe eram dirigidos pelos apicultores brasileiros, assim se defende e justifica, tentando aplacar a repercussão dos ataques da abelha africana na imprensa do país, com graves prejuízos em pessoas e animais, e alguns casos de pessoas mortas por ataques maciços de abelhas africanas, coisa de que antes nunca se ouvira falar, como é notório. Mas frágil é sua defesa, e inaceitável, precisamente porque, em toda ela ele não pretende senão preservar seu nome, contestar sua intenção de resultados sinistros para a apicultura brasileira, ficando-se na obstinada reafirmação de superioridade de sua abelha, mesmo diante dos estragos e conflagração que ela deixava na sua passagem em diferentes pontos do país, simultaneamente. Narra Kerr ainda na referida entrevista, que as abelhas africanas foram levadas a Piracicaba, onde iniciamos a seleção de seus maiores defeitos: agressividade; não aceitarem cera moldada usada pelas italianas, e poeira europeia». Mesmo entre os apicultores, diz, temos de reconhecer que su agressividade constitui um problema difícil. E confessa: «é motivo de grande lástima e mortificação pra mim, que, no processo de experimentação, em 1957, em Camaquã, tenham escapado vinte e seis enxames de *adansoni* puros (abelha africana)».

Estes são os argumentos de Kerr, a favor da introdução da abelha africana no Brasil, e já sua confissão de culpa pela «lastima» e «mortificação» que o penalizou pela evasão de vinte e seis enxames que dispararam e proliferaram pelo território, como verdadeira expedição punitiva contra a inofensiva apicultura brasileira.

Analisemos, sem paixão, à luz dos fatos concretos, as «razões» de Kerr, pela preferência que deu à abelha africana. Alega que a abe-

lha preta que havia no Brasil, não produzia a contento. Os mais antigos apicultores, não se queixam dela, entretanto. Evocam com saudade, as grandes colheitas de antes da africana, conseguidas com abelha preta. Os apicultores mais novos, ou os iniciados na era africana de Kerr, chegaram a não acreditar nas colheitas fartas de então, com abelha preta. Tivemos um apiário (em sua maioria de abelhas africanas) — preta, italiana e híbridas, e notamos que as abelhas africanas são dotadas de mais pronunciados hábitos matinais, trabalham até tarde, seu voo é mais veloz, e, suas rainhas são de uma prolificidade espantosa. Na colmeia, as demais famílias do mesmo apiário, inclusive a preta, desde que em igual nível populacional e valia prolífica de suas rainhas, não foram sobrepujadas pela africana; as rainhas expandiram a postura em iguais proporções, e, quanto a rendimento, nada registramos de relevo a favor da africana, salvo a copiosa tortura a que nos submeteram.

Recentemente, num ajuntamento de apicultores, a maioria já tristemente aposentada pela africana e sofrendo privações, um, que as tinha a duras penas porque sempre viveu de abelhas e não sabia fazer outra coisa para ganhar a vida, nem estava em idade de conseguir um emprego, pôs esta pergunta ao mais esclarecido do grupo: porque seria que, no apiário dele, formado de abelhas africanas e não africanas, só uma colméia (de abelha africana) tinha mel (duas alças), enquanto as demais não progrediam e padeciam carência de alimentação? Quis o perguntado saber que idade tinham as rainhas das colméias fracas e seu volume de abelha, ao que o perguntador respondeu que estas rainhas já eram velhas. e, o volume de abelhas, variava de três a seis quadros, enquanto a colméia de abelha africana que tinha mel, enchia o ninho e uma alça de abelhas, e era um exame novo. Disse o «professor» que o êxito em apicultura depende de saber o que se deve fazer e fazê-lo a tempo, substituindo por novas as velhas rainhas, todos os anos, reforçar as famílias fracas com as mais fortes, nas épocas oportunas, e ainda outras coisas. Disse que, nas abelhas, é como na estrada em construção: pouca gente, pouca obra; muita gente, muita obra.

O rendimento da colheita, sabe-se, está condicionado a uma sé-

CONTINUA NA PÁGINA 9

A COLMÉIA SCHIRMER

Escreve o leitor Elísio Erthal, de Niterói: «Desejo muito informações sobre a colméia Schirmer.

Resposta: Sr. Elísio! Assim como o senhor, muitos querem e precisam saber das vantagens da colméia Schirmer.

Em, justamente 30 anos de experiência com a colméia Schirmer, que neste período não apresenta nenhum inconveniente, porque esta colméia apresenta a harmonia de uma excelente ninhada de cria, nunca iguaiada por qualquer outra.

Hoje, vou trazer o meu discurso preparado para o XXII Congresso da Apimondia, cujo resumo foi solicitado pela Comissão técnica do Congresso, aprovado com o número 170 e rejeitado posteriormente pelo Presidente Harnaj, cuja carta de escusas vou transcrever traduzida, no próximo número.

COLMÉIAS

A Conferência preparada pelo Prof. Bruno Schirmer, para o XXII Congresso de Apicultura de Munique:

«Muito honrada Diretoria deste Congresso. Minhas Senhoras, meus Senhores, estimados ouvintes.

Para uma completa apresentação da colméia harmônica, seria necessário duas horas, porém, hoje aqui tenho de fazê-lo em 15 minutos naturalmente tão resumido quanto possível.

Nestes últimos anos ouvia-se falar em colméia harmônica. No encontro alemão, em Freiburg, ouvi falar em colméia harmônica e tinha a fotografia de uma no bôlso, por modestia não a apresentei.

As opiniões sobre colméias se distanciam muito, até hoje, no mundo, ainda não se chegou a um acôrdo para um tipo de colméia unificado, porque a maior parte das pessoas não tem uma imaginação própria, agarram-se a sistemas obsoletos, que zombam da moderna tecnologia, em geral. Em matéria de colméias, estão 100 anos atrasados. Sofreram muitos melhoramentos, mas não acompanharam a moderna tecnologia.

Talvez, minha resumida conferência de hoje, possa contribuir, sacudir o pensamento, trazer um conhecimento, uma união e finalmente contribuir para um tipo unificado.

Eu não vou medir sacrifícios, a Apimondia pode contar com minha colaboração, utilizar-se de mim como membro de um grupo técnico.

Muitas pessoas creem que eles tem a melhor colméia, nem que se trata de uma colméia de fôlhas como a e Huber.

Eu, aqui queria fazer uma comparação: se na moderna técnica da aviação tivesse sido mantido o 14-Bis de Santos Dumont, onde estaria hoje nossa era espacial?

Se os senhores me apresentarem uma colméia melhor, imediatamente aceitarei a modificação. Porém, não tendes uma colméia melhor, experimentai meia dúzia de colméias harmônicas Schirmer, então, poderão opinar pró ou contra.

Onde fica o homem de juízo perfeito, que antecipadamente já é do contra? Assim como acontece frequentemente, pela escassez do tempo, não posso hoje, comentar outros tipos de colméias, nunca foi meu pensamento impor à alguém esta minha ou outra colméia.

Cada um escolhe livremente seu tipo de colméia, porém este que não tem um conceito próprio, estude, pergunte, aceite ou rejeite a que não lhe agrada.

Somente, nunca se deve rejeitar uma inovação, sem experimentar. Como o mundo está cheio de exemplos disto: Como trataram o Galileu? Quanto prejudicou a ciência?

Tôdas estas coisas, também na apicultura temos de levar em consideração. O sucesso de nosso vizinho temos de tomar como exemplo e o fracasso devemos tomar como advertência, isto é o certo na história e também na apicultura.

Parar é retroceder, escreveu Ludwig Huber, no prefácio de seu manual apícola, no ano de 1879.

Eu, como pesquisador apícola, nunca parei, fazem 33 anos que me dedico apaixonadamente, não como negócio, sem subvenção de quem quer que seja, ao estudo, ao melhoramento e à invenção de novidades, como poderia apresentar muitas provas.

Ocupo-me com tudo que pertence à apicultura, principalmente à seleção de nossa abelha, que denominei Cárnica Brasileira.

Em 1939, não pude tolerar mais a desajeitada e obsoleta colméia Schenk, devido à distribuição imprática, com 15 caixilhos na

incubadora, 11 caixilhos largos na melgueira.

Os últimos 4 favos da incubadora sempre estão cheios de mel, assim como a melgueira sempre cheia de cria, quando se quer colher mel.

No inverno, os três últimos favos da incubadora, quando não estavam lotados de mel, estavam embolorados e apodrecidos. Então experimentei, fiz algumas colméias, com 44 cm de comprimento, 33 cm de largura e 30 cm de altura, com 12 caixilhos. De meia altura com 8 caixilhos na melgueira,, isto foi um sucesso total.

Assim, mandei confeccionar para a próxima primavera 30 colméias harmônicas, cujas colméias deram um resultado de 20% a mais na primeira colheita, sem contar o tempo a mais que levaria para desopercular e centrifugar os 180 favos e desligados os 180 espaços entre favos.

É lógica que a produção de mel aumentou e não havia cria na melgueira.

Quando este sucesso estava assegurado, após mais de um ano, comuniquei este triunfo ao meu mestre e amigo. Foi aí que aconteceu a coisa inacreditável na minha vida.

Meu mestre e amigo rompeu as relações amistosas comigo. Os amigos do meu mestre ainda hoje me cauniam por causa da suposta concorrência de um sistema obsoleto.

Este triste acontecimento pertence à minha luta, pertence muito mais para minha vitória e para minha realização.

Em 1940 já estava certo, que a colméia harmônica Schirmer, só servia para apicultores evoluídos e progressistas, que podem aumentar seus apiários por meio artificial, não para leigos, que precisavam esperar os enxames para aumentar, porque a nossa colméia não dá enxames (por causa da divisão harmônica).

Como é natural, não parei aí, repito, nunca parei. Muitas outras medidas experimentamos. Por exemplo: experimentamos colméias com a mesma altura e largura da harmônica, porém com 55 cm de comprimento com 15 caixilhos na incubadora e 11 na melgueira.

Nos primeiros 2 anos as abelhas ocuparam somente 12 favos na incubadora, ficando livre o espaço dos últimos favos, cujas lâ-

Continua na pagina 7

Continuação da página 6

COLMÉIAS

minas alveoladas ficaram intatas, enquanto na melgueira estavam os 11 favos repletos de mel.

Durante 2 anos, as abelhas ocuparam somente 12 favos, recém no quarto ano, as abelhas tinham ocupado o restante. Com minucioso exame, constatei que os primeiros favos da frente tinham o excesso de pólen, não continham mais cria.

Estava certo, que uma boa família de abelhas ocupava somente 43.000 cc de espaço para a ninhada, sem outra intervenção. Estes experimentos eu fazia sempre com mais de meia dúzia de colméias, por causa da média. Não se pode fazer experimentos certos com uma colméia só.

Experimentamos, tempos depois colméias com a mesma altura e largura, porém com 41 cm. de comprimento, com 11 caixilhos na incubadora.

Na primeira experiência deu 2 favos com mais da metade de cria, na melgueira, quer dizer, matematicamente calculado, foi ocupada a mesma porção de favos na melgueira, com cria, que perfazia um favo na incubadora. Com todas estas experimentações, fixamos o tamanho da incubadora, com aproximadamente 43.000 cc. sendo as melgueiras sempre a metade da altura.

Com todos estes sucessos nas experiências, não parei aí, continuei meus estudos.

Constatamos, como mais adiante provo, que uma família precisa na incubadora 43.000 cc. de espaço.

Construí em minha oficina mais dois tipos de colméia simultaneamente: uma com 40,5 cm de comprimento, 37 cm de largura com 29,5 cm de altura, a outra com 37 cm de largura e 37 de comprimento, quadrada, não cúbica, por 29,5 de altura, uma com 11 caixilhos e a outra com 10 caixilhos na incubadora. A 1ª com 8 caixilhos e a 2ª com 7 caixilhos na melgueira.

Transplantei logo, seis boas famílias da Cármica Brasileira, nelas o resultado não se fez esperar.

Esta experiência pertence a maior conquista na apicultura moderna. Após a 1ª experiência, notamos, na colméia de 40,5 cm 5% de vantagem da colméia harmônica, mais bonita e mais efi-

ciente que a harmônica, que já usávamos faz quase 30 anos.

Após constatado pela 1ª experiência, requeremos o registro de patentes destas 2 colméias, no dia 13 de agosto de 1968, às 17 horas e 25 minutos. A 1ª de 40,5 cm chama-se colméia Schirmer Temperada Industrial e a outra, a quadrada colméia Schirmer Tropical Doméstica.

Tropical, porque pode ser usada no sistema quente ou frio, com 1/4 de volta sobre o fundo. (Dizia o Prof. Dr. Enoch Zander que a colméia quente e fria é fria mesmo!)

A colméia temperada não teve nenhuma cria na melgueira. Enquanto a Tropical apresentou pequena parte de cria.

O melhor nestas 2 colméias é que são fabricadas com o mesmo tamanho de caixilhos. A madeira usada para os caixilhos e exatamente 9 m/m de espessura tem uma estabilidade perfeita.

As vantagens destas colméias são: ausência de cria na melgueira, abolição de telas separadoras e abolição dos arames nas lâminas. Na centrifugação, em centrifuga radial, nenhum favo quebrou.

Para eventuais descuidados favos e mel na incubadora, já desde 1940 inventamos e mandamos construir uma tela adaptável na centrifuga radial de 16 caixilhos.

Pensem bem, meus Senhores ouvintes: em 1000 colméias nenhum arame, nenhuma tela separadora, sem excesso de pólen no mel, como sucede com os favos de cria, que costumam centrifugar após a cria nascida.

Quanta mão de obra poupada! Isto não significa nada? Qual foi o motivo e o método que descobri tudo isto? Quando estava descontente com a nossa obsoleta colméia. Nas colméias, obsoletas as abelhas enxameiam 3 ou 4 vezes, assim acontecia no meu apiário.

Um dia colhi um grande enxame num caixão, com 50 cm de largura, 30 cm de altura e 80 cm de comprimento, rústico, para certificar-me quanto espaço e o sistema que as abelhas, ao natural constroem e precisam para evoluir.

Após alguns meses, quando este caixão estava cheio (como se diz na gíria) demoli-o para o transplante numa colméia mobilista.

A 1ª coisa foi, construção transversal ao alvado, exatamente e completamente quente.

A segunda foi, 12 favos com cria e regular coroa de mel. Após o 12º favo começaram os favos repletos de mel de variadas espessuras, quanto mais para o fundo da colméia; o último favo teve uma espessura de 6,5 cm.

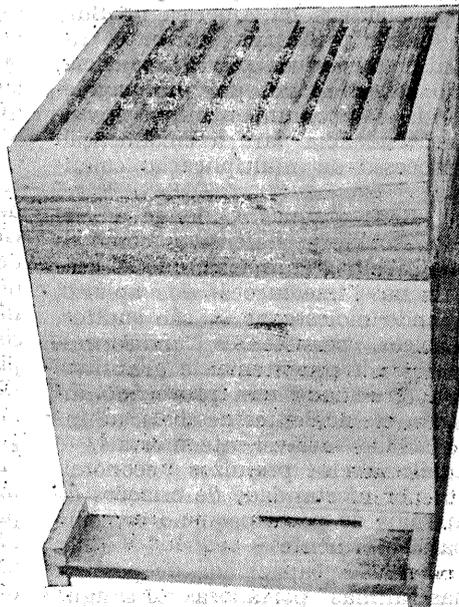
O espaço ocupado com a ninhada foi exatamente 43.000 cc. dentro deste um favo com aproximadamente 4.000 celas de zangões.

Esta experiência podia servir para todo o mundo moderno, porém cada um pode escolher livremente sua colméia, a que desejar, cada clima, cada país deve resolver da melhor forma suas colméias.

Com estas experiências, eu quero somente mostrar um exemplo, não obrigar ninguém.

Alcansei um grande passo à frente na apicultura.

Meu muito obrigado por terem me escutado.



A COLMÉIA SCHIRMER TROPICAL

**A COLMÉIA SCHIRMER É
A MATEMATICAMENTE
MELHOR DISTRIBUIDA,
QUE APÓS 30 ANOS DE
ESPERIÊNCIAS DESAFIA
QUALQUER SIMILAR,
PORQUE FOI E SEMPRE
SERÁ A COLMÉIA PADRÃO.**

ABELHAS AFRICANAS e suas híbridas

por Coriolano Francisco Caldas Filho

Extraído do jornal «AS ABELHAS» de Portugal.

As abelhas do continente negro pertencem a cinco raças distintas, confinadas em território próprio, cujas fronteiras são intransponíveis, representadas que são por desertos, mares e oceanos.

A única que nos interessa de perto, por ter sido introduzida em nosso meio (Piracicaba 1956/57), e se difundido rapidamente, fora de toda a possibilidade de controle, é a *Apis mellifica Adansonii*, a abelha comum da África, onde é encontrada por toda a parte, desde o deserto do Saara até o do Calaari e do litoral atlântico ao Índico, habitat cuja superfície é equivalente à da América do Sul.

Seus principais atributos raciais, negativos por excelência, são representados por uma agressividade incomum e numa invulgar tendência para a enxameação (processo de multiplicação coletiva).

Seus ataques — longe de serem isolados e defensivos como os das abelhas européias, que só atacam nas imediações do apiário, quando molestadas — são súditos, maciços, persistentes, indiscriminados e frequentemente gratuitos. Sua crueldade tem provocado incontáveis acidentes pessoais, de intensidade variável, até mortais, e incalculáveis prejuízos econômicos por mortandade de criações de animais de porte pequeno e médio particularmente.

A alta capacidade de postura das rainhas portadoras de sangue africano e a sua precocidade sexual, aliadas a uma acentuada vocação para a enxameação, e para a «migração», pois não são sedentárias como as européias, explicam, em parte, a sua rápida difusão pelo nosso território e pelos Estados nosso vizinhos.

Outro fator de disseminação do sangue africano, não menos influente, está em que os zangões *adansonii*, mais rústicos e muito mais numerosos, competem vantajosamente com os de outras raças, quando disputam rainhas virgens durante os voos de fecundação, determinando uma mestiçagem indesejável e inevitável.

Finalmente, há que acrescentar, como fator de dispersão, a versatilidade incomum das abelhas

africanas, que se instalam comodamente em qualquer lugar, servindo-lhes de abrigo — ocios de árvores e de postes de iluminação, caixas postais e de registros, qualquer depressão vão ou fenda, em termiteiras peculiarmente, e até ar livre. Seus enxames naturais atacam as colônias mansas, selecionadas, alojadas em colméias racionais, cujas rainhas são sacrificadas e substituídas. E parece, consoante observações e informações, que as operárias africanas e africanizadas infiltram-se pela população estranha, sacrificando sua mestra, expondo assim a rainha substituta criada, virgem, aos machos *adansonii*.

Estas ocorrências explicam a impressionante difusão do sangue africano pelo território nacional, e, provavelmente, o insucesso.

Estas ocorrências explicam a impressionante difusão do sangue africano pelo território nacional, e, provavelmente, o insucesso das tentativas de introdução das raças européias em regiões africanas, que os cientistas e técnicos de lá atribuem às condições ecológicas.

Há seis meses, quando ministramos a aula inaugural do Curso de História Natural, da Sociedade Geográfica Brasileira, transmitindo o nosso aviso às populações desprevenidas e desprotegidas dos nossos sertões, e abrimos os Cursos de Indústria Animal deste Departamento, prevenindo e orientando as nossas populações urbanas e rurais, e fomos entrevistados por representantes dos nossos matutinos e vespertinos ou participamos de programas televisionados, previmos a «africanização» do Brasil nos próximos cinco anos e da América Latina meridional dentro de um decênio. Então, já estavam infestados os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Guanabara — hoje, graças a informações que recebemos de Willy Aureli, conhecido sertanista e escritor, comandante da «Bandeira Piratininga», podemos assegurar que Mato Grosso e Goiás também já estão tomados repetindo-se em várias localidades desses Estados os mesmos fatos que todos conhecemos, inclusive a morte de duas crianças (Aruaná).

Todo o continente africano não foi tomado pelas *adansonii* porque barreiras formidáveis, intransponíveis, lhe neclaram livre curso. Quanto a nós, brasileiros e americanos, como as nossas fronteiras são pacíficas, impotentes

para impedir invasões recíprocas representadas que são por meros acidentes geográficos ou linhas imaginárias, não vemos o que possa impedir a «africanização» dos nossos territórios. E nem nos centros urbanos estaremos livres, pois, conforme Smith, as *adansonii*, em seus voos migratórios, preferem as cidades, onde sempre encontram água e alimentos.

Considerando a enorme área do continente negro ocupada pelas *adansonii*, área cuja precipitação, consoante Smith, oscila anualmente entre menos de 10 e mais de 500 m/m e cuja vegetação varia desde a do deserto para a da úmida floresta tropical, aiagadíssimas brumosas do litoral para a dos prados alpinos, tão pouco acreditamos que a bacia amazônica e Darien possam oferecer obstáculos, como supõe-se Nogueira Neto, à América Central e do Norte. O obstáculo mais sério poderá ser representado pela cordilheira dos Andes, mas lembremo-nos de que as *adansonii* são encontradas no Kilimanjaro a mais de 2500 metros de altitude.

A introdução de abelhas africanas em nosso Estado (Piracicaba 1956/1957), diretamente em pleno território continental, e logo distribuídas entre os apicultores interessados, até de outras unidades da Federação, gerou dois problemas, um técnico e outro social, que, por sua importância e gravidade, reclamam do poder público a máxima atenção, todo interesse.

Do ponto de vista técnico, temos hoje uma apicultura seriamente traumatizada, que contrasta com a florescente que tínhamos há um lustro, e que, paulatinamente, vai sendo abandonada até pelos mais ferrenhos apicultores. O próprio Departamento de Produção Animal viu-se forçado, pela africanização, a reduzir as 200 colônias que mantinha nos apiários da Estação Experimental de Produção Animal, de Pindamonhangaba, conservando apenas 30, e a suspender a criação-escolar do Parque Fernando Costa (Água Branca — Capital), onde sempre manteve uma dezena de colméias, que atendiam às necessidades de ensino.

Tal quadro, tão sombrio, resultado do temperamento feroz do selvagem inseto, que ataca em massa, persistentemente, sem justa causa ou causa aparente, e indiscriminadamente, perturbando toda atividade e oferecendo sério ris-

CONTINUA NA PÁGINA 9

Continuação da página 8

ABELHAS AFRICANAS E SUAS HÍBRIDAS

De Gorio Lano Caldas Filho.

co. Inestimáveis são os prejuízos decorrentes da mortandade de animais de pequeno e médio portes, sobretudo, e até de grande porte.

Sendo a apicultura uma arte exigente de manejo, rica de detalhes que estruturam diversas técnicas e diferentes métodos, que não podem ser marginalizados, e considerando o temperamento do perigoso insto, que além de feroz é cruel, a exploração apícola, que castigava o apicultor e seus auxiliares, hoje martiriza-os. E como a maioria dos apicultores, pequenos aos grandes, têm seus apiários em terras de terceiros, os problemas novos que ainda precisa enfrentar resultantes de ataques a criações e a pessoas estranhas, constituem os fatores de desalento e de abandono da profissão (ou hobby).

Do ponto de vista social, além dos mencionados prejuízos resultantes da perda de animais de criação, desde pássaros engaiolados até animais de trabalho, sofridos geralmente por terceiros, há que mencionar, salientando, os incontáveis acidentes pessoais, de intensidade variável, desde simples picadas a casos graves, e até mortais. E tais fatos, como as abelhas africanas preferem as cidades quando emigram, afetam não só as nossas populações rurais, mas também as urbanas, ambas já tão sofridas, prejudicando-as, castigando-as e intranquilizando-as.

Tão pouco podemos omitir a possibilidade de serem alcançados outros países sul-americanos. O problema, que em passado bastante recente foi local, hoje já afeta vários Estados, estando infestados pelo flagelo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Guanabara, Mato Grosso, Goiás e outros. Já há indícios de penetração no Paraguai e na Argentina.

(Continua no próximo número)

AUTORIZAÇÃO

Autorizamos à imprensa em geral, para dar maior divulgação possível transcrevendo os assuntos publicados neste jornal.

A alimentação da população mundial depende 60% das abelhas, além da grande cultura que a apicultura traz aos povos civilizados.

BRUNO SCHIRMER Diretor de
"A COLMÉIA"

Continuação da página 5

ABELHAS AFRICANAS

De Armenio Alvim Barroso

rie, bem extensa, de contingências externas, a que o apicultor há-de submeter-se, resignadamente, por explorar uma atividade aleatória. Para o êxito em apicultura, como em tudo, é indispensável possuir conhecimentos técnicos. Mas, não é só pela falta de entendimento de assistência aos apiários, e de como eles se conduzem para a produção, que resultou, de há uns anos para cá, o decréscimo na produção brasileira de mel, nem porque se explorava, como pensa Kerr, apenas a abelha preta. A produção de mel caiu assustadoramente, em todas as regiões do Brasil, onde chegou a abelha africana. Esta, sim, é uma verdade de clareza meridiana, porque é a voz corrente dos apicultores. Há cantos do país, onde a africana não chegou e onde se colhe muito mel com abelhas pretas. As causas de falta de produtividade da abelha preta, apontada por Kerr, são de uma etiologia que é do conhecimento da abelha africana se entendessemos seu depoimento a respeito, mas não, a nosso ver, e segundo testemunho autorizados, por defeitos desta raça de abelhas que bem, sabemos, não é a melhor raça do Mundo, mas satisfaz plenamente e é infinitamente superior à cascavel alada que veio da África, para acabar com os apicultores, brasileiros, expondo, os aptos a mudar de profissão e servir um patrão, e, os idosos, a tirar do Céu a inspiração de um meio de sobrevivência. Eis porque falta «produtividade» à abelha preta, porque as colheitas caíram espantosamente, e, porque, o mel puro está se alcançando à categoria das coisas raras, de preço inacreditável, e eis porque o mercado começa a ser abastecido com mel fabricado pela engenhosa habilidade engendradora pela lei da procura.

Vê Kerr, na dificuldade de italianização dos apiários brasileiros, outro motivo para a escolha da abelha africana. Tal «dificuldade», a nosso ver, estaria tão-somente na distância à sua fonte de produção e venda, o Ministério da Agricultura, mas, o Ministério, despachava rainhas italianas e núcleos da mesma raça, para qualquer parte do país, até de avião, não no número que alguns apicultores pretendiam, mas em quantidade suficiente para atendimento dos objetivos dos apicultores. Es-

ta verdade, de todos conhecida, torna sem razão a razão de Kerr. Sua alegação é inconsistente porque não tem apoio na verdade.

Kerr, queria que possuíssemos no Brasil, uma abelha que não tivesse, como a europeia, a tendência de diminuir, no inverno, a procura de cria. Ele é um professor universitário, renomado por seus trabalhos sobre a bionomia das Meliponas, Trigonas e Bombus. Tem muito mais nome como entendido nesta classe de himenópteros do que como autoridade consagrada no estudo de raças de abelhas (embora haja escrito um belo livro sobre a apicultura). Entretanto, por ser o pai da abelha africana um biólogo de méritos, é que não entendemos como possa ele increpar-se contra o natural direito que também a abelha tem à hibernação. No Brasil (só em parte dos Estados Unidos) ou na Europa, a postura das rainhas sempre diminuiu, no inverno, chegando a parar, quase de todos. A nobrezinha não aprendeu, ainda como violentar as leis naturais da sua fisiologia, no inverno. Sabe-se que os fatores determinantes da expansão da postura, numa rainha, são: sua idade e fecundidade (relevantes), e, paralelamente, o estímulo alimentar, a entrada de néctar, mas, principalmente, de néctar (este, essencial), nas colméias. Mas, a despeito disto, com estas provisões de matérias-primas essenciais à mão, e uma rainha notável sob todos os aspectos, quando o inverno empurra para baixo o mercúrio do termômetro, e a baixa temperatura, penetra no interior das colméias, as abelhas nem o ardor para o trabalho externo. Não fazem outra coisa senão lutar para sobreviver, elas e sua Mãe, abrindo guerra contra o frio, produzindo calor. É preciso que elas não se ocupem de outro trabalho que não seja o trabalho de fabricar calor, cada vez mais calor, ininterruptamente. Para isto, elas se aglomeram e aceitam, resignadas, uma longa espera, no desempenho de uma só vital tarefa, vigorosamente auxiliada pela sábia suspensão da postura da rainha, que, se continuasse, como Kerr desejava, desviaria as abelhas para diversificadas funções, abrindo flancos à permeabilidade do frio que, inevitavelmente, mataria a rainha, pelo entorpecimento da consequente algidez. Por isto, parece-nos racional que a rainha pare a postura no inverno, onde realmente haja inverno.

(Continua no próximo número)

PÁGINA DA DONA DE CASA

No nº 2 de «A Colméia» falo no mel falsificado, que é vendido nas cidades de porta em porta, nas estradas em postos de vendas, em certos armazéns, sendo o mel misturado com glicose de milho comprado às toneladas.

Como constatar o mel falso?

É muito fácil. Tome-se uma colher de sopa pela metade de mel. Põe-se a ferver com uma boa fervura, na mesma colher.

Deixe esfriar e após esfriado, toma-se a colher e incline-a para despejar o conteúdo; se ocorrer fora da colher, é mel puro. Nem que seja quase queimado, o mel correrá fora da colher.

Quando este produto examinado ficar aderido à colher como puxa-puxa, é certo que se trata de grosseira falsificação. Se o mesmo fôr misturado: mel com glicose de milho, este ainda escorre da colher.

Se o produto bem esfriado na colher, fôr tocado com o dedo seco, parecer uma superfície lisa, o produto não contém nenhuma gota de mel. Se não correr bem para fora da colher e ficar aderido ao dedo ao tocar, é mel misturado com açúcar.

Quando o mel provém de calda de cana-de-açúcar, é mais difícil de constatar, nem que seja feito pelas abelhas, é nada mais do que mel falso. Isto é constatado somente em laboratório.

Muitos apicultores vendem tal mel em favos, como prova de sua legitimidade.

Um dia, um apicultor chegou ao ponto de me oferecer uma moenda manual de cana, para facilitar a fabricação de mel.

Na Alemanha, chamam o mel produzido pelas abelhas, nos tocos da cana-de-açúcar, de mel de «Fidel Castro», que é vendido, posto Hamburgo a Cr\$ 0,90 o quilo. É mel, contém um pouco de secreção das glândulas das abelhas, porém é quimicamente considerado falso mel.

Senhora Dona de Casa, quando um vendedor oferecer mel em sua porta, leve-o para dentro de casa, experimente com uma colher, como foi indicado: ferva-o e deixe esfriar, se aderir na colher, devolva-o e conte a todos os seus vizinhos, com o nome do fabricante.

Neste falso mel costumam despedaçar abelhas mortas e põem

os pedaços destas abelhas no mel, juntamente com pequenos pedaços de favos de cêra triturados, para enganar à primeira vista.

Na Alemanha, foi punido um vendedor de mel, que vendia mel de mato natural, da China continental, com rótulo de mel da Flórida, de flor de laranjeira. Existem misturadores de mel, que não são considerados falsificadores. Este mel podem comprá-lo.

ESCREVE O LEITOR

Forquete, Arroio do Meio, 26-08-71.

Amigo Bruno Schirmer

Acabo de receber o 1º número do jornal «A Colméia». Desde já considero-me assinante e providencio a remessa da assinatura próxima semana pelo Banco do Brasil, Agência de Lageado. Muito obrigado Sr. Bruno Schirmer o senhor está mostrando o que a força de vontade pode fazer, se a gente quer.

Tenho observado a sua luta, sua pertinácia mas afinal temos aqui seu jornal. Para nós será valioso, será mais uma razão de continuar na apicultura.

Queira Deus que «A Colméia» seja a casa de todos os apicultores do Brasil, para que possamos trabalhar unidos como as abelhas de uma colméia e que o senhor seja o zangão fecundante, mas vivo durante muitos anos; que seja também o órgão que trará paz a todos os lares de apicultores. São estes os votos do apicultor do hinterland, que já está quase no fim de dar ouvidos e seguir conselhos.

Tenho gasto dinheiro em revistas, etc.; tudo para manter algum órgão, mas sem efeito.

Espero continuar a receber «A Colméia», minha assinatura irá esta semana.

Saudações apícolas,

Bruno Kasper

Ja recebemos a outra correspondência.

CARTA DA ÁFRICA

Silva Porto, 17 de junho de 1967.

Exmo. Sr. Hermenegildo Santini

Acabo de receber a tua carta do dia 28/5. Juntamente vinham aquelas duas do Sr. Schirmer. Bem para já digo-lhe que não estou disposto a ir enfrentar abelhas; Não sei se no futuro me animarei. Procurarei falar com um apicultor amigo para ver o que ele pode prometer. Mas já nesta altura tu deves ter recebido um ma-

nual de apicultura que te mandei há tempos via marítima porque via aérea saia muito caro. O livro foi-me oferecido pelo apicultor de que falei acima. Aí vai descobrir muita novidade útil. Agora algumas notícias sobre abelhas. Este apicultor meu amigo disse-me há dias o seguinte: As abelhas africanas cruzadas com as abelhas italianas, no Brasil, já mataram muita gente. Não se deve cruzar estes dois tipos de abelhas. As abelhas italianas — o pai deve conhecê-las — são aquelas abelhas mansas que andam por lá. Aqui na Tanganica — disse-me o apicultor — fizeram mistura entre estas duas raças de abelhas e a consequência foi o terem ido com aviões a derramar várias toneladas de inseticidas sobre matas inteiras para acabar com todas as abelhas cruzadas, pois estavam a dar cabo das pessoas. Tu se queres ter abelhas africanas, não deves permitir cruzamentos com outros tipos de abelhas, um dia matar-te-iam a ti e toda a família. Para evitar os cruzamentos evite os enxames. É a rainha que é fecundada durante o enxame e pode ser fecundada por zangão italiano e estaria feita a desgraça. Evita-se o enxame pondo sobrecaixas.

O irmão Gaúcho que está aqui comigo e que tem uns caixotes de abelhas diz que há dois tipos: uma feroz como o diabo e outras um pouco mais mansas. O apicultor me disse o mesmo, agora não sei se este tipo de ferozes são já mistura com outras raças. É provável que sim. Quando me encontrar com o apicultor perguntar-lhe-ei tudo. A abelha italiana está agora doente, aquelas que estão na Itália e aqui na África tem causado a ruína das abelhas africanas. Se não me enganou foi a Rodésia que também importou destas abelhas doentes e agora estão a pestiar as nossas de Angola. O Ir. que cuida das abelhas aqui disse que tem muito pouca cêra. Cada 100 quilos de mel, depois de cortar todo o favo tiram-se quando muito 2 quilos de cêra.

Receba um forte abraço do mano distante,

Luiz Santini.

"A COLMÉIA"

Pede encarecidamente que fundem Associações de Apicultura em toda parte. Assistam sempre semanalmente as reuniões. Os Santamarienses de Apicultura devem comparecer todas às reuniões onde tratar-se-á de assuntos de interesse geral.

O DIRETOR

Continuação da página 4

EXCELENTÍSSIMO SR. MINISTRO

méia Schirmer Tropical e a segunda, Colméia Schirmer Temperada.

— Uma centrífuga radial manual, para centrifugar simultaneamente de ambos os lados os 16 caixilhos da melgueira, inventada pelo signatário em 1940 e lançada ao domínio público em 1941.

— Invenção e adaptação de um escape de abelhas, para evitar acidentes nas colheitas de mel.

— Invenção e aperfeiçoamento de um aparelho de soldar lâminas de cera alveolada nos caixilhos.

— Abolição dos arames nos favos artificiais e a tela excluída com o novo tipo de colméias.

— Aperfeiçoamento de diversos objetos de utilidade na apicultura, dentre estes, a adaptação de um fundo do fumigador, hoje imitado nos Estados Unidos e Canadá.

— Na IX Exposição Agro-Pecuária de Júlio de Castilhos, foi-lhe conferido o primeiro prêmio, com Medalha de Ouro.

— Uma centrífuga universal, radial, para 12 favos de melgueira. Para todos os tipos de colméias mobilistas, com adaptação facial para centrifugar 4 favos de incubadeiras (pode ser fornecido ao apicultor pela metade do preço da primeira, de 16 favos).

— Uma centrífuga industrial, radial, universal, motorizada, para 48 favos de melgueira ou 24 favos da incubadeira, simultaneamente, sendo autor e inventor de uma série tão grande de utilidades apícolas, que custou ao signatário dias e noites de estudos e viagens. Conta com a irrestrita solidariedade e colaboração do dinâmico Reitor da Universidade Federal de Santa Maria, Sr. Prof. Dr. José Mariano da Rocha Filho, também apicultor e conhecedor de apicultura.

Conta ainda com a promessa voluntária do Exmo. Sr. Ministro da Educação, Sr. Tarso de Moraes Dutra, antes de sua viagem de estudos à Europa.

Considera necessário organizar urgentemente a apicultura no Brasil.

Sr. Ministro:

Creio que é bastante supérfluo dizer mais uma vez, que a apicultura contribui indiretamente com 60% da alimentação da humanidade (são expressões de autoridades mundiais de apicultura), sendo muito maior o lucro in-

direto, do que o mel e cera produzida pela apicultura (palavras baseadas pela estatística, nos estados de Baden-Württemberg, no Encontro Alemão de Apicultura de Freiburg, na Alemanha, em 1966).

Além disso, a apicultura é um sinal de alta cultura de um povo, pois pela apicultura unem-se povos e classes.

As abelhas, apesar de agressivas, ensinam a paz e harmonia.

O nosso Ilustre Ministro pode se dar conta do grande valor de uma apicultura organizada num vasto país, o que vai contribuir grandemente no desenvolvimento intelectual e material do povo.

O signatário deste já fez o que pôde pela apicultura; já dou para pobre e ricos, muito mais de 150 colméias mobilistas, deu gratuitamente muitos recursos teóricos e práticos de apicultura.

Tem a capacidade suficiente para administrar eficientemente um grandioso projeto de apicultura, como pretende que seja o Conselho Nacional de Apicultura.

Se fracassar por ineficiência, processem-me por danos e perdas, se alguém achar que não tenho título universitário, digo que tenho muito mais, tenho conhecimento tenho uma série de serviços prestados, que atestam a verdade.

Exmo. Sr. Ministro, se este projeto, aliás resumido, não lhe agrada, omite-o.

Se lhe agrada, chame-me com urgência, ou peça pormenores em certos pontos.

Aqui me despeço, pedindo perdão por ter ocupado Vosso precioso tempo, com este meu oferecimento.

Precisamos fazer alguma coisa para a nossa «pobre» apicultura.

Estou à Vossa ordem, para o que der e vier, sempre fiel ao Governo da Revolução de 1964. Mesmo me omitindo, no anonimato, desejo-Vos o maior êxito na administração do Ministério da Agricultura.

Com alta estima e apreço, subscrevo-me sinceramente

BRUNO SCHIRMER

Santa Maria, 9 de outubro de 1969.

CARTA RESPOSTA DO MINISTRO DA AGRICULTURA

Ofício nº 1/70 — Em 14-1-70

Do Diret. da Equipe Téc. Animais de Pequeno Porte

Ao Senhor Bruno Schirmer
Caro Senhor,

Tenho a satisfação de acusar o recebimento de sua carta de 9.10.69, em que oferece a este Ministério numerosas sugestões para melhoramento da apicultura nacional.

De acôrdo com despacho do Gabinete do Excelentíssimo Senhor Ministro, o assunto foi encaminhado aos setores competentes para estudo.

Desde já, apresentamos nossos agradecimentos pelas sugestões oferecidas e, aproveitamos o ensejo para enviar

Cordiais saudações

Gustavo Luiz Gouvêa de Almeida
Diretor da ETAPE

A VIDA DAS ABELHAS FOI FOCALIZADO NA ASSEMBLÉIA PELO DEP. SILVÉIUS KIST.

Artigo extraído do jornal «GAZETA DO SUL» de Santa Cruz do Sul de Maio de 1968.

O Dep. Silvérius Kist fez quinta última o seguinte pronunciamento na Assembleia Legislativa:

«A Federação das Associações de Apicultura do Rio Grande do Sul, com sede na cidade de Santa Maria, realizará nos dias 25 e 26 do mês corrente, na histórica cidade de Rio Pardo, o 1º Congresso Estadual da Apicultura.

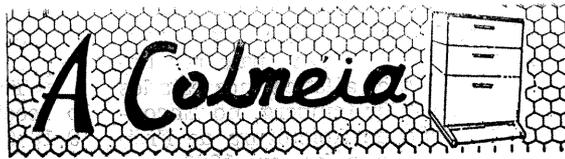
Para quem, como eu, possui uma idéia, ainda que pálfida, da utilidade prático-científica, inteligência e admirável dessas obreiras aladas que são as abelhas, poderá bem aquilatar dos altos objetivos e magnos interesses que nortearão esse conclave de apicultores.

O Poeta Maurício Maeterlinck, em seu relato poético «A Vida das Abelhas» — e o maior dos biólogos dos insetos de todos os tempos — Reamúr — em suas observações, publicadas no século XVIII, «A História dos Insetos em Geral e das Abelhas em Particular» — deram à humanidade conhecimentos precisos a respeito das abelhas, demonstrando que elas existiam já antes da espécie humana, conforme ficou provado pelo fóssil encontrado em Provença.

O Povo das Abelhas, segundo competentes apicólogos, forma parte desse magnífico mundo animal que nos rodeia e canta, debaixo da abóbada celeste, a sinfonia da vida.

Segundo os estudiosos do assunto, existem cerca de cento e oitenta mil espécies de abelhas.

(continua no próximo número)



CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

EDITORIAL

farei o que posso. Já sofri calúnias e perseguições, mais uma, não vai abalar minha fé no Brasil.

Aqui vai uma pergunta: quem conhece a apicultura em Roraima, no extremo norte do Brasil? Eu, mandei para lá três colméias Schirmer com todos os apetrechos pela Universidade Fed. de Santa Maria e a F.A.B. fez o transporte gratuito.

Quem me indenizou o material? As minhas experiências ninguém precisa indenizar! Com pouco cuidado, lá foi colhido delicioso mel.

Quem colheu informações de possibilidades apícolas, desde Roraima ao Amapá? Fui eu!

Devo deixar cair todos estes conhecimentos num vazio?

Que o Ministro da Agricultura não aproveite a minha modesta contribuição, não tenho nenhuma censura, os bajuladores são mais fortes que os honestos.

Tenho sabido de várias cartas mentirosas e caluniadoras, como também sei de amigos sinceros aos milhares, contra sete mentirosos.

Ninguém me demoverá da reconstrução da apicultura brasileira, até a vitória final, ou até o glorioso fim! Não me humilharei, jamais.

Faz favor. Escreve o Leitor.

RETIFICAÇÃO

Preciso pedir desculpas em público aos leitores de «A Colmeia», por issos e lapsos involuntários, que aconteceram.

No artigo da página 3, denominado «Lembremo-nos da Cármica do Mel», no 1º número consta: continua no próximo número. No nº 2, consta na página 4 conclusão da página 3, esqueci de mencionar conclusão do número anterior da página 3.

Outro erro autêntico cometi na página 10 do 2º número. No artigo «Comêço da Colmeia Schirmer», onde diz erroneamente, continua na página 11, na verdade conclui na página 4.

Também com erro grave, onde diz conclusão da página 11, quando é certo que conclusão é da página 10.

Mais uns erros de estética e perfeição aconteceram na última página e uns 1.000 exemplares, quando recebi a visita do Sr. Simões, que me ensinou a corrigir os erros. Os tipos estavam colocados fora do esquadro, assim sucedeu que alguns leitores receberam exemplares com letras semi-apaçadas na coluna central.

Mais uma verdade tenho de mencionar: nunca vira antes uma gráfica por dentro e em 30 dias aprendi a ser paginador, compositor, tipógrafo, mecânico de máquina impressora, porque recebi a máquina gráfica em estado lastimável.

Recém agora, composto o 3º número, recebi a visita do senhor Eduardo Hartmann, que me mostrou os defeitos e veio em minha gráfica regular gratuitamente todos os defeitos, só posso expressar meus agradecimentos, que Deus lhe retribua em dobro.

Pretendo extirpar todos os erros dos números anteriores, e os gráficos sempre escaparão na menor revisão.

No 1º número também ocorreu um lapso, onde diz continua na 3ª página, quando na verdade continuou na 8ª página.

A nota mais importante: escreveu-me um leitor, cujo nome não vou citar, censurando-me porque escrevi na última página no nº 2 no fim: «Mãos à obra, para o reerguimento de nossa apicultura, que mãos criminosas de um só homem tentou destruir. Este foi auxiliado e financiado por quem?»

O caro leitor que escreveu, faça o favor de fazer uma comparação: Se eu tenho uma lavoura de trigo, que me dá o pão, vem um sujeito pretencioso e põe fogo na minha terra, só para mostrar que sua fumaça sobe direto ao céu. Com esta pretensão incendiou e destruiu toda minha lavoura de trigo, onde fiquei só com a roupa do corpo. Este sujeito é criminoso, queira ou não, quem o financiou é cúmplice, queira ou não, isto todo mundo precisa saber.

Realmente, tal pessoa, por pura ambição de grandeza deu um prejuízo à nação brasileira de bilhões de cruzeiro, levando a ruína e a miséria a muitos que se dedicavam à apicultura.

Eu, da minha parte, tenho de lamentar somente um prejuízo de mais de Cr\$ 60.000,00, que é uma pequena escala do meu patrimônio, que ainda possuo.

Ainda posso comprar umas toneladas de papel, para contar este crime ao mundo todo. Costumo falar e escrever somente a verdade, sei respeitar a dignidade alheia e sempre respeitei um governo constituído, nunca bajulei ninguém, nunca pedi nada para mim.

Porém, nossos ilustres governantes precisam ser bem informados e respeitados.

Nunca tive medo, já fui alvo de atentados contra minha vida, mas isto pertence ao passado.

Acalme-se meu amigo leitor, para o senhor nada pode acontecer.

Para mim só importa, novamente uma apicultura, como tínhamos antes da introdução da abelha italiana, que foi a precursora da abelha africana. Leia a carta da África, do Sr. Santini.

Outro leitor escreve, que não concorda que omiti, no art. Análises de polen, o sr. Dr. Gorg Vorwohl, caro leitor, não se precipite, o Dr. Vorwohl é meu amigo íntimo, e, eu nunca disse ou acreditei que o Dr. Georg Vorwohl, um dia não poderá superar seu professor.

Se eu digo uma coisa pode escrever e, se eu escrevo uma coisa pode acreditar, desculpe a franqueza.

O Diretor. 19-9-1971.

EDITORIAL

Pensava em facilitar a impressão, deixando o editorial a 1.ª e 12 pag. por último, piorou, por isso, peço excusas aos distintos leitores, que o editorial foi muito longo. (por necessidade) e segue em três continuações, segue na pág. 3 e conclui na pág. 12.

Assim, como a carta ao Ministro da Agricultura, começa na prg.3.

Do no. 4 em diante, nada disto vai se repetir. O verdadeiro motivo foi: recebi ilustres visitantes, fiz com eles uma excursão, na minha volta tinha acontecido estas gralhas.

Perdão.

O Diretor.